

QUITO, EQUADOR, 1º DE OUTUBRO DE 2001

Minhas palavras iniciais aos representantes do querido povo equatoriano são de agradecimento pela homenagem que me é prestada e pela condecoração que acabo de receber, evidência a mais da amizade que esta Casa sempre reservou ao Brasil, a seu povo, a seus líderes.

Fico muito sensibilizado com a associação de meu nome à normalização dos vínculos entre Equador e Peru.

Poucas experiências me gratificaram tanto na vida pública quanto o privilégio de ter contribuído para o êxito do processo de paz entre dois países vizinhos e amigos do Brasil.

Aguardava desde então a oportunidade de visitar o Equador e saudar seu povo irmão por esta grande conquista, que é de todo o continente americano.

Presto agora esse tributo, quando o clima de tensão por que passam as relações internacionais revaloriza a boa convivência entre os povos.

Neste momento, quero conclamar toda a América do Sul a abraçar um outro esforço de paz em um mundo onde alguns se esforçam pelo terror.

Não é porque estamos aqui neste Extremo Ocidente que a América do Sul deve se calar como se fosse um continente de outro mundo.

Se o anseio de paz se globalizou, os riscos de conflito também se globalizaram.

A sombra de seus estragos pode estender-se até aqui. Pode atingir com desemprego e mais exclusão um continente que já tem tantos excluídos.

O mundo sempre sofreu as irracionalidades da guerra. Só que hoje a irracionalidade do terror ameaça trazer conseqüências piores, com armas nucleares, químicas e bacteriológicas.

A irracionalidade não conhece limites, nem fronteiras. Ninguém está tão longe e tão seguro que possa se dar ao luxo de ficar indiferente. A América do Sul não pode se omitir.

Como Presidente do Brasil, não pouparei esforços para lutar pela paz e contra o terrorismo.

Nossa região, com sua extensão territorial e todas suas carências, não está imune a ser um refúgio do terrorismo se não formos firmes e vigilantes.

A mesma América do Sul que busca firmar-se como um pólo de integração econômica deve demonstrar responsabilidade e atuar como um bloco político com o mesmo objetivo: o combate irrestrito ao terrorismo e a toda forma de crime organizado. Deve adotar medidas fortes contra a lavagem de dinheiro; reforçar a segurança nas fronteiras, portos e aeroportos; dar combate sem trégua ao contrabando de armas, ao narcotráfico, e não deixar que a droga subsidie o fanatismo.

A América do Sul tem que ter uma posição clara. Como assim propôs o Brasil ao convocar o órgão de consulta do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (o Tiar), que é um mecanismo de segurança coletiva a nosso dispor.

Diz o Tratado que um ataque a qualquer nação da América é um ataque a todo o continente americano. Toda a América foi atacada no dia 11 de setembro.

Por isso, colocamos em marcha os mecanismos de solidariedade previstos no Tiar.

Mas se por um lado devemos dar enfaticamente apoio e solidariedade aos Estados Unidos na luta contra o terrorismo, a América do

Sul deve ser um bloco monolítico de apoio incondicional à razão; pronta a condenar qualquer excesso; e a condenar qualquer ato que se aproxime daquilo que nós combatemos.

A América do Sul exige a punição dos responsáveis pelos atentados. Nele não morreram só milhares e milhares de norte-americanos inocentes, mas também centenas e centenas de inocentes de vários continentes, entre os quais sul-americanos.

Senhores Deputados, o mundo pode ingressar em um tempo de incertezas. Pois que seja nosso continente um refúgio do bom senso. Seja nosso continente um abrigo para os povos que, fugindo dos conflitos, precisem de nós. Seja este continente, onde a África, a Ásia, a Europa e as civilizações originais da América se misturaram e firmaram culturas tão ricas, um inimigo intolerante da intolerância. Seja a América do Sul um exemplo maior de convivência de raças, culturas e religiões, como acontece aqui no Equador, onde muitos de origem árabe e judia ocupam posições destacadas no mundo político, acadêmico e empresarial. É o caso, também, do Brasil. E é o caso deste Congresso Nacional, que abriga ilustres Deputados de ascendência árabe. E que abriga também, entre suas lideranças, personalidades da comunidade indígena equatoriana.

Este Equador multicultural é uma mostra da diversidade e do pluralismo que distinguem a formação dos povos americanos.

Diversidade, para nós, não é antagonismo. É sinônimo de tolerância.

Pluralismo, para nós, não é fermento de ódios ou rivalidades. Quer dizer solidariedade.

Sem esquecer da pauta de nosso próprio continente, de nossas justas reivindicações, e honrando os valores da paz, da liberdade e da democracia que nos são tão caros, saibamos dividir esse desafio da luta contra o terrorismo, que é de todos.

A dor é de todos nós, a dor é mundial. E se a dor é mundial, se a preocupação é mundial, a responsabilidade é de todos nós.

A história de nosso continente confirma quão funesto é combater ameaças à democracia mediante a suspensão da própria democracia.

Não há antídoto mais eficaz contra a barbárie do que o exercício cotidiano das virtudes democráticas, que deixam às claras a intolerância, o irracionalismo e a insensatez.

Sempre insisti na democratização das relações internacionais.

Quanto mais plurais forem as instâncias de decisão, mais habilitada estará a humanidade a enfrentar todas as formas de extremismo e de exclusão.

Se o terror, o crime organizado, o narcotráfico e outros males afins atuam em rede, também em rede devem reagir as democracias nacionais, em um diálogo que envolva as diversas regiões do mundo e respeite as diferenças entre as culturas.

Se a pobreza e a miséria atingem muitas partes deste continente, a todos nós que habitamos este continente cabe lutar por condições de vida mais digna para nossos povos.

É hora de se promover uma globalização mais solidária, mais simétrica, que integre em vez de excluir, informada por valores como a diversidade e a tolerância.

Países como o Equador e o Brasil têm muito a contribuir para a disseminação de uma ética da solidariedade, pois a democracia se consolidou e se aperfeiçoa continuamente em nossos países.

A democracia nos fez perceber o quanto temos em comum. Aproxima de modo crescente nossos governos e sociedades.

Basta recordar que os esforços de integração regional têm como fundamento a democracia. Como fez o Mercosul com a adoção de sua cláusula democrática. Como está fazendo no mesmo sentido a Comunidade Andina. E como fizeram os Presidentes da América do Sul, em Brasília, ao estabelecerem o respeito pleno ao regime democrático como condição para integrar o esforço de construção do espaço comum sul-americano.

Na América do Sul de nossos dias, a solidariedade democrática é algo que chegou para ficar.

Esse avanço extraordinário na esfera dos valores impõe responsabilidades, mas abre um campo vasto para a articulação de nossos interesses comuns. É o que se dá nas negociações multilaterais de co-

mércio, onde tudo concorre para que atuemos de maneira concertada a favor de um equilíbrio maior de obrigações entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Esperamos que o atual quadro internacional não venha a frustrar o início de uma nova rodada de negociações no âmbito da Organização Mundial do Comércio.

O Equador e o Brasil estão prontos para trabalhar em uníssono na defesa da liberalização dos mercados agrícolas, o que supõe a eliminação da inaceitável prática de subsídios.

Sem um tratamento satisfatório da questão agrícola, o sistema multilateral de comércio continuará a padecer de grave distorção, prejudicando produtores de reconhecida competitividade, como são nossos países.

Afirmei em Quebec que a Área de Livre-Comércio das Américas será bem-vinda na medida em que promova, entre outras coisas, acesso a mercados, regras compartilhadas de *antidumping*, redução das barreiras tarifárias e não-tarifárias e abertura dos mercados agrícolas.

Somente assim nos parece possível satisfazer a expectativa dos países sul-americanos de que a Alca seja fator de desenvolvimento para o conjunto do hemisfério.

Bom seria que o momento nos permitisse uma visão mais alvissareira do futuro. Mas as incertezas são por demais presentes para autorizarem juízos definitivos.

O que me parece claro é que, independentemente do cenário internacional que se tenha pela frente, Equador e Brasil saberão manter a mais estreita e fecunda parceria. Partilhamos o mesmo universo de valores. Repudiamos a violência e a barbárie. Acreditamos na paz e na democracia. Perseguimos o desenvolvimento sustentável. Queremos a integração. Buscamos uma relação mais simétrica com o mundo desenvolvido.

Muitas são as afinidades, e firme é a determinação de nossos povos em caminhar juntos. Não temos por que deixar de confiar no futuro.

Muito obrigado.